



O ANONIMATO COMO FATOR DE PERTENCIMENTO NO USO DE REDES SOCIAIS ON-LINE EM PROJETOS EDUCACIONAIS¹

Adriano Medeiros Costa²

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar como as redes sociais *on-line* que permitem postagens anônimas podem ser usadas por professores e alunos para a Educação Sexual de modo a atender as expectativas dos jovens diante de um tema transversal tabu. Pois, a comunicação não está no meio, mas na relação de confiança estabelecida entre os interlocutores. Quando um aluno consegue anonimamente esclarecer suas dúvidas sobre sexo com seu professor através de uma rede social que permita anonimato, essa relação dialógica atende a pretensões de validade que a caracterizam como ação comunicativa em potencial.

Palavras Chave: Redes sociais *on-line*. Tecnologia educacional. Anonimato. Pertencimento.

¹ Este trabalho compreende um recorte da tese de doutorado do autor, intitulada "Por trás de Links, sempre existem pessoas: o anonimato como fator de pertencimento no uso de redes sociais on-line em projetos educacionais", defendida em 2013, sob a orientação do professor Arnon Alberto Mascarenhas de Andrade no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN.

² Professor adjunto do Departamento de Comunicação Social | Universidade Federal do Rio Grande do Norte | adrianomcosta@gmail.com



INTRODUÇÃO

Na educação tradicional presencial a ideia de pertencimento está ligada diretamente e inconciliavelmente ao seu oposto: o anonimato. O qual, de modo inverso, está associado enquanto pertencimento na experiência aqui apresentada.

As novas tecnologias da comunicação e informação podem contribuir para o desenvolvimento da Educação de modo geral e da Educação Sexual, em particular, permitindo o pertencimento educacional através de um processo de gestão do ambiente *on-line* que favorece a comunicação.

De um modo geral, é indispensável ao professor conhecer a identidade dos alunos, bem como suas determinantes sociais e econômicas. Mas em casos nos quais os tabus sociais, as crenças religiosas ou os preconceitos inibem a relação de confiança, a não identificação do aluno se faz necessária para a efetivação do processo ensino-aprendizagem. Neste sentido, um processo educativo não implica em um professor conhecer exatamente a identidade do seu aluno, mas sim em uma relação de confiança que se estabelece.

A troca de informações constitui apenas em uma ação instrumental e não em ação comunicativa. Paulo Freire (1988) não vê o processo comunicativo como uma simples “extensão”, ou seja, transferência mecânica. Sendo assim, a troca de informações constitui, apenas, uma ação instrumental e não ação comunicativa. Comunicar-se é estabelecer em grupo um processo muito mais profundo. É um ato de pensar coletivo animado apenas pelo desejo de continuar o processo. Para Freire:



A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados. (FREIRE, 1988, p. 69).

Como premissa básica, importa dizer que, na formulação de seus conceitos teóricos, o educador parte sempre da própria realidade do ser humano e de que educação implica, necessariamente, comunicação, a qual é a coparticipação no ato de pensar, em ética e afetividade (confiança).

Na experiência realizada, a condição de anonimato entre professor e alunos não impediu que o ato educacional se concretizasse, pois o processo implicou, necessariamente, coparticipação no ato de pensar, ética e afetividade (confiança). Assim, os alunos tendem a se sentir pertencentes, pois tiveram sua privacidade resguardada, bem como suas expectativas de aprendizagem foram atendidas. Tudo isso mostra que mesmo anonimamente, há potencial de diálogo na medida em que o sujeito expôs essa informação relevante ao outro, o que não faria/fez de forma nominada, por temer a reação alheia.

METODOLOGIA

A metodologia adotada no desenvolvimento da pesquisa foi a pesquisa qualitativa, o método é uma combinação de estudo de caso com pesquisa-ação. A técnica consistiu na aplicação de questionários e a coleta de dados primários que ocorreu presencialmente na experiência de campo, realizada no minicurso "Por trás de links sempre existem pessoas: utilizando as redes sociais *on-line* na promoção da Educação Sexual" (20h/a), na cidade de Campo Redondo – RN, durante o 7^a Encontro de Jovens e Adolescentes e Educadores, com o tema "Educação no enfrentamento da violência e promoção da saúde", promovido pelo Centro de Promoção Social "Noir Medeiros de Souza". Na experiência, 20 educandos de ambos os sexos, participaram de forma voluntária usando um ambiente *on-line* exclusivamente destinado a prestar de forma anônima informações sobre dúvidas relacionadas à



sexualidade humana e Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), tais como AIDS, risco de gravidez, métodos contraceptivos e afins. Nesta pesquisa foi utilizada uma conta chamada “Por trás de links, sempre existem pessoas” na rede social *on-line Formspring*, ambiente *on-line* eleito como área de interlocução da experiência. Do total dos 20 educandos que responderam ao questionário durante sua aplicação, 30% eram homens; e 70%, mulheres. A faixa etária predominante foi a de 15 a 19 anos (90%). Em seguida, vem a faixa dos 20 a 24 anos (10%).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A necessidade de uma educação para a sexualidade nunca é uma ação neutra, ela surgiu a partir do momento quando o primeiro casal da história fez sexo pela primeira vez. A Educação Sexual intencional e sistemática nasceu no século XVIII, o mesmo do Iluminismo. Desde seu nascimento e ainda hoje ela tem seu desenvolvimento tolhido por uma sociedade repressora, que, como se vê, existe até os dias de hoje de forma mais ou menos explícita e é mais ou menos presente em cada grupo humano. Mas mesmo os que na época defendiam o acesso dos jovens, a informações sobre sexualidade, essa defesa era motivada por medo da difusão de comportamentos sexuais considerados inadequados ou até perigosos, como é o caso da masturbação, da homossexualidade, das relações extraconjugais, da explosão demográfica, das doenças sexualmente transmissíveis que para boa parte das quais ainda não havia tratamento ou cura e até motivada por princípios eugênicos, ou seja, de seleção racial por controle genético. Nesse período inicial, não havia ainda por parte de quem defendia a necessidade da Educação Sexual qualquer tipo de preocupação em atender às necessidades e às expectativas dos jovens, os quais já chegam à escola com conhecimentos prévios:

Quando se inicia a educação sexual formal, o aluno já foi “marcado” pelos valores e normas que lhe foram inculcados, já possui uma



série de conhecimentos (certos, incompletos ou errados), já formou muitas ideias sobre o sexo, sobre sua própria sexualidade e sobre a sexualidade dos pais e de membros da família, dos amigos e colegas. As intervenções educativas não se fazem sobre uma “tabula rasa”, mas sobre um ser em desenvolvimento, no seio de uma família com características próprias, inserido em grupos de pares e num mundo social e cultural com valores e regras mais ou menos rígidas ou permissivas. Estes conhecimentos e ideias, que o aluno possui, interferem evidentemente na compreensão e assimilação das novas informações que lhe são transmitidas. (WEREBE, 1998, 190).

As redes sociais *on-line* em sua gênese já nasceram como uma consequência do comportamento egocêntrico cada vez mais forte em nossa sociedade. Cada vez mais os jovens se acomodam a um sistema que os reifica, em uma situação que alegoricamente poderíamos aludir a Saturno comendo seus próprios filhos. Pois, como um círculo vicioso alimentado por estas mesmas redes sociais, temos nos tornado ainda mais voltados para nós mesmos. Em resposta a essa demanda, as empresas que criam e administram essas redes estão nos últimos anos dando ainda mais ênfase aos recursos que nelas são mais expressivas do ego, é o caso do Facebook. A consequência disso, adaptar essas redes (nas quais os jovens já estão naturalmente presentes) às práticas educativas (para as quais elas não foram criadas) têm se tornado um trabalho cada vez mais difícil, mas ainda não impossível. Isto porque, o egocentrismo crescente estimulado pela mídia e pela sociedade atual não se coaduna com os objetivos generosos da Educação enquanto emancipadora da humanidade e a concepção de Freire (2003):

Neste sentido, a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente. Como situação gnosiológica, em que o objeto cognoscível, em lugar de ser o término do ato cognoscente de um sujeito, é o mediatizador de sujeitos cognoscentes, educador, de um lado, educandos, de outro, a educação problematizadora coloca, desde logo, a exigência da superação da contradição educador-educandos. Sem esta, não é possível a relação dialógica, indispensável à cognoscibilidade dos sujeitos cognoscentes, em torno do mesmo objeto cognoscível. (FREIRE, 2003, p. 68).



É por isso que segundo o entendimento adotado aqui neste trabalho, o conceito de comunicação, para Paulo Freire (1988), é convergente com conceito de comunicação adotado por Jürgen Habermas (2012). A Teoria da Ação Comunicativa, em linhas gerais, é direcionada ao entendimento através de suas pretensões de verdade, inteligibilidade e correção normativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresenta-se, portanto, a concepção de que a comunicação não está no meio, mas sim na relação de confiança que se estabelece entre os interlocutores. Desta forma, é possível afirmar que quando um aluno tem sua necessidade atendida ao conseguir esclarecer suas dúvidas sobre sexo com seu professor através de uma rede social *on-line* que permita anonimato e através da qual o aluno sabe que quem responde é o seu professor, mas o professor não consegue distinguir a identidade de seu aluno, essa relação dialógica atende a pretensões de validade que a caracterizam como ação comunicativa em potencial.

As empresas mantenedoras de redes sociais *on-line* talvez nunca tenham pensado o ambiente como um espaço sequer com algum potencial educativo, muito menos sendo educativo. Mas mesmo isso não sendo possível e os interesses mercadológicos dominarem as motivações com as quais tais redes são construídas e mantidas, as redes sociais *on-line* têm despertado o interesse de diversas pesquisas e experiências acadêmicas (o caso de uma dissertação e tese anterior) que têm enxergado que as redes sociais *on-line*, mesmo nas atuais circunstâncias, podem ser um ambiente educativo. Isso representa uma mudança de paradigma: o lucro e a competitividade dando espaço para o bem comum e a cooperação.

Assim, educadores e educandos que planejam e executam projetos neste sentido, estão revolucionando e assumindo seu papel histórico e



dialético. Pois eles subvertem um meio tecnológico capitalista, criado originalmente para gerar lucro para as empresas mantenedoras através de publicidades opressoras, para projetos educativos em benefício da emancipação humana. Em um mundo onde cada vez mais a educação vira um negócio, seguindo a lógica capitalista os educadores viram funcionários nos melhores casos e “objetos” reificados nos piores. Peças de reposição facilmente substituíveis na “linha de produção” das instituições que só se preocupam em formar jovens não necessariamente para o trabalho, que é uma tarefa importante, mas sim para o mercado e não para o exercício pleno da cidadania.

Se o campo da Educação é cada vez mais visto como uma mercadoria esperando oportunidades de fazer negócios, nós podemos revidar e construir projetos educativos que visem a emancipação humana. Se as Novas Tecnologias da Comunicação são quase que totalmente vistas como uns amplificadores do egocentrismo humano e como uma ferramenta de *marketing* profissional e pessoal, nós podemos dialeticamente cooptá-las para projetos educacionais de modo geral e para a Educação Sexual em particular.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Arnon de. **Novas Tecnologias e Educação**. Texto apresentado no XVI Epenn - Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, na mesa redonda “Novas Tecnologias e Educação”, Aracajú: junho de 2003. Disponível em: www.educ.ufrn.br/arnon/nova.pdf. Acesso em: 09/12/2009

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**, coleção O mundo, hoje, vol. 24, 10ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 1988.

_____. **Pedagogia da Autonomia**, coleção leitura, 29ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. **Pedagogia do Oprimido**, 37ª Edição, São Paulo: Paz e Terra, 2003.



HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo**, volume 1, 1ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 2012.

WEREBE, Maria José Garcia. **Sexualidade, política e educação**, coleção educação contemporânea, Campinas – SP: Autores Associados, 1998.



MEME: UMA LINGUAGEM DIGITAL, NA COMUNICAÇÃO COM O MUNDO MODERNO/MEME

Ana Ivanele Marinho¹

Luana Pereira da Cunha²

Lília Letícia Ferreira da Silva³

Resumo

O acesso facilitado aos meios de comunicação trouxe ao cenário social um contato maior com a pluralidade de gêneros textuais. Assim, os estudos de linguagens evoluíram bastante. A BNCC propõe a presença dos textos multimodais em sala de aula; diante disso, este trabalho tem por objetivo propor uma sequência didática com orientações pedagógicas para o ensino de um gênero textual digital. O gênero escolhido para essa sequência foi o meme, gênero textual digital multimodal, sequência esta que foi estruturada para contemplar os quatro eixos de ensino da linguagem propostos na BNCC.

Palavras Chave: Meme. Gênero. Produção digital. Linguagem.

¹ Graduanda em Pedagogia | Universidade Federal do Rio Grande do Norte | ivanele.marinho@gmail.com

² Graduanda em Pedagogia | Universidade Federal do Rio Grande do Norte | luanapcunha@hotmail.com

³ Graduanda em Pedagogia | Universidade Federal do Rio Grande do Norte | lilialeficiarodrigues@gmail.com